

De RUBEM BRAGA

Há muitos anos meu amigo fala do sítio - e sábado resolvi ir lá, além de Friburgo, para vê-lo. Acordar pela madrugada; enfrentar a Cantareira; pegar depois um onibus cuja empresa nos avisa gentilmente, em letra de forma, no envelope que contém as passagens, que estamos sujeitos a "desagradáveis contratemplos na estrada" por motivo das más condições da mesma. Sim, a estrada está má, mas o pior contratempo foi o onibus parar por... falta de gasolina.

Mas mesmo com chuva, tudo é belo. No verde escuro da mata, embaúbas cõr de prata - oh, me desculpem, estou escrevendo em redondilhas, e rimadas. Quedas d'água no meio da floresta, bramindo entre samambaias. E a mais bela criação que já vi até hoje da astuciosa mão do homem: uma lavoura de rosas. Um roseiral a se estender pelo campo; roseirinhas miudas, desse verde lindíssimo que é o mesmo da folha do cravo e da oliveira, e grandes rosas cõr de rosa. O amigo me explica: o dono do roseiral domina o mercado das rosas cõr-de-rosa do Rio. Até pouco tempo vendia para as casas de flôres do Rio a 8 cruzeiros a dúzia. Pediu aumento, não lhe deram. Fez, então, a grêve das rosas. O campo ficou florido de ponta a ponta, com as enormes rosas se desfolhando, sem ninguém ir colher. Agora a dúzia de rosas é vendida ali por 16 cruzeiros - e graças ao frete da Leopoldina e ao lucro das casas de flôres podemos compra-la, no Rio, a 35 ou 40... Vi também um caboclo fazendo sua colheita de copos-de-leite, na varzea. E não vi muita coisa mais porque eu precisava estar segunda pela manhã no Rio e resolvi voltar pelo rápido da Leopoldina.

Conheço desde criança a Leopoldina Railway: é ela exatamente a estrada que separa a minha cidade do resto do mundo. E separa também Friburgo do Rio de Janeiro. É surpreendente. Lá de perto de Friburgo, como o céu limpasse, podemos vê-lo, no horizonte, o Corcovado e o Pão de Assucar. Depois do que nosso tremzinho ainda viajou seis horas!

Sim, conheço desde crianças esses carros lordos, sujos, que vão cochilando pelas estações e dansam terrivelmente nos trilhos quando por acaso fazem a velocidade empolgante de 30 kilometros.

Meus olhos conhecem essas fagulhas, essa fumaça... Conheço até o "humour" com que o chefe do trem responde a uma pergunta sobre a hora da chegada: "o horário é 4 e mais". E quando alguém observa que já são 7 da noite, aquela observação cortez, depois de consultado o relógio: "7 horas e quatro minutos".

As quedas d'água são só para enfeitar a paisagem: queimamos a lenha des-

(CONT. 2 - RUBEM BRAGA) - nas florestas, porque era assim no começo do século... Em Niterói pégo a mesma barca que aos 9 anos de idade peguei para vir pela primeira vez ao Rio de Janeiro. Mais de um quarto de século já passou; é natural que a barca ande bem mais devagar agora. Que faz o meu amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade nesse seu Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico? É preciso inscrever no livro do tombo, como verdadeiros monumentos históricos, essas barcas, essas locomotivas, esses vagões. Monumentos históricos da paciência nacional.

RG.